

Prestação de Contas

15.11.51

O sr. Getúlio Vargas fez mais um discurso, dirigido diretamente ao povo, como é do estilo totalitário. Prestação de contas, chamou-lhe êle. Mas, de que pretende prestar contas? Do que prometeu e não fez, nem teria tempo de fazer neste, sim, ainda breve período do seu govêrno? Ou do que prometeu e sente que não poderá cumprir, sequer nos cinco anos do seu mandato?

Evidente é que, tendo acenado com a idade de ouro durante a campanha eleitoral, quer, antes de tudo, justificar-se o sr. Getúlio Vargas de não ter feito, nem poder fazer o prometido milagre. Esta é a conta que deseja prestar ao povo, já um tanto decepcionado com a composição pouco popular, ou populista, do seu govêrno. É, como se vê, uma conta negativa, conta do que não fez, ou ainda não pôde fazer.

Mas, além desta conta, e muito mais ainda do que ela, as que o presidente da República quis apresentar aos olhos da Nação, foram as contas do govêrno Dutra, que lhe entregou um país às portas da falência.

Não seremos nós quem procure minorar as graves culpas do govêrno recém-findo. Ao contrário, tem-se nos irrogado uma excessiva severidade no julgá-lo. Mas a verdade é que, se o sr. Eurico Dutra, longe de atenuar, agravou sob muitos aspetos a herança recebida, quase todos os males do seu govêrno vêm do govêrno anterior. Um foi digno continuador do outro. O presidente de um govêrno foi coerente com o ministro da Guerra do govêrno anterior. Se da cena desapareceu o sr. Benjamin Vargas, nela surgiu o sr. Vitorino Freire. Tão bom, como tão bom...

Esta circunstância de que o govêrno Dutra foi apenas a sequência de um govêrno Vargas e nada inovou, esquece-a, ou finge esquecê-la o atual presidente da República. Fala com o entono de quem nunca tivesse tido responsabilidade próxima e reiterada no govêrno do País e como se o próprio govêrno Dutra a êle não se devesse duas vezes: a primeira, pelo levantamento da candidatura, a segunda, pelo apôio eleitoral que, à última hora, mandou dar-lhe.

Mas, se assim procede agora o sr. Getúlio Vargas e quer pedir estritas contas ao sr. Eurico Dutra, é que êste a tanto o autorizou. Recebendo o govêrno, o sr. Eurico Dutra não expôs à Nação a situação em que se encontrava o País. Por muitos anos membro do govêrno deposto e pelo menos moralmente responsável nos seus desmandos, achou mais cômodo encampar-lhe o passivo. Recebeu uma casa roubada e falida, sem proceder sequer a um sumário balanço.

Desta falta gravíssima se está beneficiando agora o antigo ditador. Longe de retribuir a longanimidade do seu sucessor, está êle procedendo a uma verdadeira devassa, na administração dêle. E nesta não lhe será difícil descarregar todas as próprias culpas passadas. Poder-se-á êle incriminar por exigir agora uma prestação de contas? Não, evidentemente. Poderão acoimá-lo de mal agradecido, mas ninguém poderá contestar que, perscrutando a situação real do Brasil e expondo-a ao público, nada mais faz agora, senão o próprio dever. E, por isto, não poderá deixar de receber aplausos. Mas, o que não se deverá deixar de frisar é que, sucedendo agora ao sr. Eurico Dutra, o sr. Getúlio Vargas sucede em verdade a si mesmo. O espólio que recebe é, agravado, o espólio que deixara.

Por isto, não podemos permitir passe sem reparos a atitude moralizante que está querendo assumir o chefe do govêrno. "Os órgãos de administração não foram feitos para defender interesses pessoais — diz êle — proteger apadrinhados ou enriquecer especuladores". Quem poderá contestar semelhante proposição? Mas quem ousará negar que nunca como a partir de 1930, isto é, da ascensão do sr. Getúlio Vargas ao poder, prosperaram os interesses pessoais, proliferaram os apadrinhados, ou enriqueceram os especuladores?

Se a República criou um novo e mais mediocre estalão para a vida pública brasileira, a chamada República Nova trouxe uma verdadeira subversão nos seus padrões morais. Antigamente, considerava-se simplesmente desonroso valer-se o político da in-

fluência do cargo para tirar proveito pessoal; hoje, acha-se muito natural que um político entre pobre para o govêrno e dele saia riquíssimo.

Êste é o "espírito de probidade e de dedicação à causa pública" que o sr. Getúlio Vargas estabeleceu no País e o sr. Eurico Dutra apenas corroborou, consentindo no enriquecimento de parentes e apaniguados. Se êle, porém, se penitência e quer verdadeiramente remediar o mal, só poderá ter os nossos aplausos.